

## O Eremita

Deslocado para um apartamento num prédio idêntico a milhões de outros, tantos milhões que não têm conta, Bonifácio sentia-se calmo. Curioso, porque se sentiria calmo, naquele apartamento, quando se sentia enervado noutra apartamento, idêntico a este, mas situado numa cidade que detestava? Temos aspectos assim, pensava Bonifácio. Sentia-se acalmar à medida que subia e descia uma estrada que vinha em direcção a este apartamento, deixando o outro para trás, não sabia explicar porquê. Afinal, apartamento por apartamento, deveria sentir-se na mesma, em ambos! Mas não, não era assim. Se quisesse também não punha os pés na rua, naquela terra que detestava, ou punha pouco, porque às vezes tinha mesmo de o fazer: as contas continuavam a cair, em cada fim de mês, o dinheiro tem de ser substituído. Acontecia que chegado ao seu apartamento da calma, também quase não saia dele, e sentia-se muito melhor que no outro. Isto devia dever-se (que raio de formulação) ao facto de o outro apartamento estar situado em terreno hostil, rodeado por gente com quem não falava, que também não queria falar com ele, gente que nem o queria ver, mas ele não era invisível, embora não fosse muito grande, no seu metro e setenta e dois, e nos sessenta e quatro quilos de peso. “Convivia” assim, dos vizinhos aos que com ele trabalhavam. Quando falava, era pior. Melhor calado. Ou falava do tempo, ou lhe falavam de futebol, ou comentavam a vida dos outros. Será isto falar? Escrevia e-mails, essa curiosa forma de comunicar com o planeta inteiro, mas não falava com os que via, no “mundo real”. A realidade é real? pensou. Lembrou-se dos que editam imagens em televisão, encarregados de nos dizerem o que “aconteceu”, da Programação Neuro-Linguística de que fala Philippe Breton. Ficara impressionado com o “efeito de fusão” que se consegue na publicidade, ou no discurso político. Confunde-se bom, mau, assim-assim, as pessoas ficam sem referências críticas, melhor, ficam ainda com menos, porque já não é suposto terem muitas: seguem o famoso princípio do “Anti-Descartes”: existo, logo é melhor que não pense! Uma das pessoas com que não falava há muito, mas que lhe escrevia, tinha sido seu professor. Simpatizava com ele, admirava-o, mas por aquela inércia estúpida que de nós todos se apodera, nesta sociedade, encontravam-se pouquíssimo. Tinha de lhe dizer que publicara um livro de contos, naquele ano! Aliás era o seu terceiro livro, mas nunca oferecera nenhum ao seu antigo professor. Às vezes, gente que o conhecia, gente escassa, pois distinguia com secretíssimo rigor “amigos” de “conhecidos” e só admitia que os amigos o conhecessem, perguntava-lhe porque fazia o que fazia. Numa primeira abordagem Bonifácio (nome que detestava, mas era uma trabalhadeira alterá-lo), chegara à fórmula: “não sei explicar tudo, porque nenhum de nós tem que saber explicar tudo.” Lembrava-se de outro professor, que um dia lhe dissera que, nos exames orais, perguntava aos alunos: “diga o que sabe.” Ficavam estupefactos, mas

o tal professor respondia: “não lhe vou perguntar o que não sabe, que é muito mais do que o que sabe, não acha?”

Havia gente querida a Bonifácio que continuava a perguntar-lhe os porquês do que fazia, até que um dia, recorrendo ao famoso “copy/paste”, enviou um e-mail assim: porquê o quê? Porquê o quê? Porquê o quê? Porquê o quê? Porquê o quê? Porquê o quê? Porquê o quê? Porquê o quê? Porque sim! Porque sim! Porque sim! Porque sim! Pensou nas pessoas que andam em busca de explicações e acabou o texto com um pequeno sorriso.

Carlos Mota.